



MAPEAMENTOS AFETIVOS TRÂNSITOS FLUTUANTES E EXPERIÊNCIAS DE CONVÍVIO

Wolney Fernandes de Oliveira. UFG

RESUMO: Este texto rascunha conceitos e práticas referentes a construção de cartografias afetivas através de olhares e sentidos [re]colhidos por mim durante a primeira etapa da pesquisa de campo do meu doutoramento em Arte e Cultura Visual. Procuo entender os percursos e seus deslocamentos como agenciamentos de espaços de intersubjetividades segundo a estética relacional de Bourriaud e de como a instalação dos processos de convívio podem provocar descontinuidades crítico-reflexivas durante a pesquisa.

Palavras-chave: cartografias afetivas, estética relacional, reflexividade.

ABSTRACT: *This text sketches out concepts and practices regarding the construction of affective cartographies through looks and senses [re] collected by me during the first stage of the field research of my PhD in Art and Visual Culture. I try to understand the pathways and their displacements as assemblages of spaces intersubjectivities second relational aesthetics of Bourriaud and how the installation processes of interaction can cause discontinuities critical-reflective during the search.*

Keywords: *affective cartographies, relational aesthetics, reflexivity.*

Dúvidas, inquietações e apontamentos de um cartógrafo

Este texto rascunha conceitos e agenciamentos referentes a construção de cartografias afetivas através de olhares e sentidos [re]colhidos por mim durante a primeira etapa da pesquisa de campo do meu doutoramento no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais/UFG. Escrevo na tentativa de entender os percursos que percorri como atravessamentos afetivos e agenciamentos de espaços de intersubjetividades segundo a estética relacional de Bourriaud. Aqui, como em um esboço, minha intenção é rabiscar dúvidas, realçar inquietações e, quem sabe, delinear apontamentos que considero pertinentes na pesquisa narrativa através da minha experiência como pesquisador/cartógrafo frente aos processos de investigação. Como tenho entendido a minha presença na

pesquisa? Como as colaborações de campo me ajudam a delinear e, por vezes, alterar o traçado dos caminhos investigativos?

A proximidade com as questões em torno da autoetnografia abre possibilidades para uma atitude autorreflexiva sobre as condições subjetivas da produção de conhecimento, propondo uma conscientização sobre as dificuldades do pesquisador contemporâneo às voltas com a complexidade dos dados que ele mesmo recolhe.

De acordo com Banks (2009, p. 71), é preciso atentar para o aspecto reflexivo desse tipo de abordagem pois essa reflexão pode “indicar a consciência que o pesquisador tem de si mesmo, a condução de sua pesquisa e a resposta à sua presença; ou seja, o pesquisador reconhece e avalia suas próprias ações assim como as de outros”.

Pela minha experiência, os mapeamentos destas ações possuem relação direta com enfoques narrativos, pois misturam afetos, produção de sentidos e, conseqüentemente, geram novos relatos. Uma realidade que é constantemente transformada e recriada.

Até aqui, minha pesquisa tem se desenhado como um exercício de cartografar os afetos vinculados às imagens e narrativas em torno da figura do meu avô materno que morreu catorze meses antes do meu nascimento. Para tanto, nesta etapa da pesquisa de campo, tenho encontrado pessoas que me apontam outras pessoas, espaços, lugares e objetos cujo sentido esteja, de modo explícito ou implícito, vinculado a figura desse avô. Toda essa movimentação é conduzida pelo meu interesse em ajustar abordagens inventivas em gambiarras metodológicas que dêem conta do que estou dizendo e fazendo.

Por estes caminhos passam as incertezas, os espantos e, até certo ponto, um desconforto, pois o desvelamento desse almojarifado de referências tem obedecido a trama de uma rede que vai se constituindo aos poucos, sem que eu saiba qual será o seu desenho final. Os inícios não suspeitam sobre os fins. Os meios se movem, mas para onde?

A priori, minha preocupação tem sido me atentar e registrar sinais, vestígios e desvios que cada uma dessas colaborações deixa entrever. Nesse exercício metodológico, meu papel de mediador se intensifica à medida que crio “ocasiões oportunas” (CERTEAU, 2008) para definir motivações e significações que ajuntam saberes, memórias, representações e significados enraizados em um conjunto de experiências. É o acontecimento de uma imagem e a continuidade de sua força, se potencializando ou se desenergizando, dependendo dos efeitos das negociações que se estabelecem entre o que é visto e os olhares que vêem.

É a partir dessa noção de continuidade que vou aglutinando indagações, inquietações e, conseqüentemente, as proposições que me ajudam a caminhar. Segundo Tomaz Tadeu da Silva,

As inúmeras possibilidades de prolongamento remetem à multiplicidade deleuziana feita de forças e devires, pensamento que não se fecha nunca, mas está “permanentemente aberto a novos acréscimos, a novas adjunções, a novos elementos. (SILVA, 2004, p. 13)

A noção de multiplicidade deleuziana é realizada através de agenciamentos que “vão na contra-corrente da estabilização, da solificação, da estratificação” (idem, p. 38). As várias possibilidades de encontros desencadeados pela pesquisa vão criando itinerários. À medida que os encontros e os percursos são estabelecidos, vou registrando seus rastros em uma parede (Figura 1) onde são traçados os itinerários com um barbante que vai conectando pessoas a lugares, lugares a histórias, histórias a imagens, imagens a ideias, dúvidas, descobertas e toda sorte de vislumbres.



Figura 1 – Painel onde são traçados os itinerários percorridos durante a pesquisa de campo. (foto do autor)

Itinerários afetivos traçando deslocamentos

Três pessoas, uma casa, uma caixa com documentos, uma fotografia e um lugar com vestígios de uma antiga construção são os fatores de a(fe)tivação (ROLNIK, 2006) que constituem a matéria para o mapeamento dessa etapa da minha pesquisa. Para este artigo, a ideia é apresentar a experiência de descoberta de um dos lugares apontados por uma colaboradora e de como esse recorte específico mudou o ponto de partida previamente demarcado para minha pesquisa de campo. Essa alteração me ajudou a compreender que muitas vezes as imagens não estão na superfície dos contextos dos quais emergem, e sim, em muitos aspectos, são o próprio corpo do acontecimento como narro a seguir. Mas como reconhecer e escutar esses acontecimentos? De quem modo? Quem? Para que? Em que circunstâncias?

Aliado a essas dúvidas, reside ainda a busca pela construção de sentidos a partir do coletivo, o que pressupõe, também, a construção de aprendizagens segundo a estética relacional apontada por Bourriaud.

(...) além do caráter relacional intrínseco da obra de arte, as figuras de referência da esfera das relações humanas agora se tornaram “formas” integralmente artísticas: assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaboração entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais. (BOURRIAUD, 2009, p.40)

As proposições relacionais suscitam momentos de sociabilidade, objetos ou lugares produtores de sociabilidade. Assim, os trabalhos que derivam da estética relacional estão inseridos num universo de formas que operam num horizonte prático e teórico das relações humanas. Lidam, desta forma, com modos de intercâmbio social onde a intersubjetividade e a interação são os principais elementos que dão forma à sua atividade. Vislumbram, em sua configuração, possibilidades de construção coletiva.

Ao dar a notícia à minha mãe que as memórias do meu avô Jorge, pai dela, dariam forma e conteúdo a minha pesquisa de doutorado ela imediatamente questionou por onde eu iria começar. De imediato, respondi que meu ponto de partida seria a casa construída por ele em Lagolândia¹. A decisão de começar pela casa onde cresci foi uma tentativa de ouvir os sentidos plantados naquele local no período do meu mestrado². À medida que tive que abrir as portas daquele lugar e indagar sobre sua construção e sua conformação, aquelas paredes pareciam conter um estranhamento nunca antes experimentado por mim. Ao organizar relações variadas no modo como aquele espaço era habitado descobri facetas, até então desconhecidas, desse avô com quem eu nunca cheguei a conviver. Esse desconhecimento, agora também um sentimento que parecia estar em cada canto daquela casa, me pareceu um bom motivo e, conseqüentemente, um bom lugar para iniciar minha investigação no doutorado.

Para a minha surpresa, minha mãe ignorou completamente a decisão de começar pela casa de Lagolândia e me apontou um outro lugar onde, segundo ela, estariam as melhores memórias que ela tinha do meu avô. O local em questão era um sítio onde ela nasceu e viveu toda a infância e parte da adolescência, mas que era situado a 7 km de distância da cidade. A narração detalhada que minha mãe

iniciou ao falar desse local me atravessou porque nela continha a descrição do meu avô pelas vias do que eu chamo aqui de paisagens afetivas.

A geografia que pratico em minha pesquisa é uma tentativa de dialogar com o cotidiano e às narrativas que o constituem, deixando que a memória aproveite estas ocasiões (CERTEAU, 2008) para realçar diversos sabores e saberes. Falar de paisagens afetivas é dizer dos significados simples à ampliação de sentidos. É percorrer o itinerário das referências do cotidiano como fontes motivadoras para cartografar afetos. Os lugares, modos de habitá-los, os costumes, o tempo mensurado no dia a dia, os espaços públicos, as condições da natureza – tudo isso se entrecruza criando percursos de passagem pelo processo de análise, redimensionando paisagens, deixando entrever vestígios de ações, de acontecimentos, do tempo, de imagens, de falas e corpos que atuam nessas paisagens, ressignificando-as, revelando-as em uma dinâmica reflexiva e poética.

Mesmo sabendo que a casa a qual ela se referia não mais existia, o desejo de minha mãe de visitar aquele lugar situou seu discurso dentro de uma experiência vivida naquele espaço. Depois dessa conversa, que foi seguida por novas negociações com minha orientadora, optei por começar meu trabalho de campo por aquele lugar apontado por minha mãe. Essa alteração de rota me posicionou mais uma vez no campo das incertezas que envolvem uma pesquisa e, mesmo contando com os desvios, ao me ver diante de um deles, as dúvidas começam a dançar. Tudo bem saber que os meios se movem, mas para onde? Como propor entradas e saídas que dialoguem com o processo que eu tenho em mente? Como propor agenciamentos que me ajudem na compreensão de novos pontos de partida e suas possibilidades de estudos?

Simultaneamente a essa decisão, a descoberta de que meu avô tinha nascido no dia 20 de junho de 1912, me encheu de vontade de alinhar o início da minha investigação à data do centenário de seu nascimento. Foi então que, em 20 de junho de 2012, em uma manhã ensolarada, segui com minha mãe e uma amiga de infância dela que nos acompanhou a convite da minha própria mãe com a justificativa de que a amiga ajudaria a lembrar a localização exata de onde situava o sítio. Munido da expectativa daquela visita a um local até então desconhecido pra mim, esperava que, à partir daquela experiência vivida em conjunto, eu encontraria

indícios para um próximo passo dentro dessa rede de conexões que eu desejo mapear.

Voltar, depois de muitos anos, ao lugar que tinha nascido deixou minha mãe, à priori um pouco confusa para se localizar em meio a tantas lembranças. Quase trinta anos sem retornar ao sítio, ela procurava sempre saber notícias do local. O terreno tinha sido comprado por um fazendeiro da região que resolveu transformar tudo em pasto e, por isso, a casa já não mais existia. O local, de difícil acesso, fica em um vale onde não dá para chegar com carro. Desse modo, deixamos o veículo onde terminava a estrada e seguimos a pé na direção apontada por ela como sendo a correta. Preocupado com o registro daquele momento, fotografei e filmei a expedição e me deixei conduzir por minha mãe procurando interferir o mínimo possível no percurso que ela tinha escolhido.

Depois de caminharmos por 10 minutos sem encontrar o lugar exato, ela começou a reclamar e a duvidar de sua memória: “Não é possível que eu me perca aqui nesse lugar que eu conhecia tão bem. Mudou muito. Já não sei se estamos indo na direção certa. E se a gente se perder?”

As preocupações eram desfiadas e confidenciadas a mim e a amiga dela que também não sabia como ajudar na localização do sítio. Isso até que se avistasse ao longe o Pé de Tarumã que, segundo ela, marcava o lugar da antiga casa.

Ao ver a grande árvore no meio do vale, a confusão inicial foi dissipada por um reordenamento espacial digno de um guia de turismo. A árvore era a bússola da qual minha mãe precisava para saborear novamente os lugares que lhe eram caros. A casa, o curral, a oficina de carpintaria do meu avô, a janela do quarto de dormir, a despensa, o riacho onde se lavava as roupas, os sítios vizinhos, etc... Isso significou se relacionar com paisagens que evocaram a memória e desenham o passado e o presente à sua maneira, migrando no tempo e o espaço.

Cada trecho da fala que mapeava o lugar delineava paisagens como representações que abrigam experiências e memórias que transpõem o tempo: “Debaixo do Pé de Tarumã³, na frente da casa, estão todas as minhas memórias” ou ainda “Da janela do meu quarto dava para ver a jabuticabeira. Toda vez que floria eu era a primeira e sentir o perfume”. Descrições físicas destas paisagens são

insuficientes se elas não se alinham às memórias afetivas – gestos, comportamentos, perfumes, sabores, hábitos, práticas – construtoras desses mesmos espaços. Lugares constituídos no jogo entre a história e a memória, possibilitando a abordagem conjunta de seus aspectos materiais, simbólicos e funcionais. As paisagens afetivas se referem também a um quadro de referências com diferentes linguagens simbólicas que, expressas, podem indicar o estabelecimento de uma rede de saberes-fazer. Cada reconhecimento trazia uma história diferente vivida ali ao lado do meu avô. A eterna recomposição e reconstrução das histórias e lembranças contou com a indispensável participação destas paisagens afetivas.

Mais íntima e individualmente, cada ser humano constrói, seleciona paisagens que envolvem sua própria história de vida, numa revelação de símbolos que encerram em si as atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos às suas vivências. Estes símbolos atribuídos às paisagens vividas dizem respeito às maneiras de compreender a integridade e a complexidade das experiências, dos ritmos das relações existenciais com o mundo vivido, que, para Buttimer, “na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência”. (LIMA, 2010, p. 8).

Organizar minha pesquisa de campo em paisagens afetivas é dar a estes lugares a capacidade de espacializar o tempo, atualizar o passado, recriar vivências e fazer das imagens, acontecimentos.

Debaixo do Pé de Tarumã, minha mãe mapeou todo o espaço, se emocionou, contou histórias vividas naquele lugar, desejou me mostrar trajetos que ela fazia no passado, me apontou saberes, fazeres e costumes que brotavam da geografia daquele vale carregado de sentidos pra ela. Em determinado momento, à sombra da grande árvore, ela quis reviver os tempos de menina se desafiando a balançar nos galhos do Tarumã (Figura 2): “Será que ainda consigo?”



Figura 2 – O Pé de Tarumã e minha mãe tentando se balançar em um dos seus galhos (foto do autor)

As paisagens que nos afetam estão recheadas por objetos, cores, disposições e diante disso os sentidos humanos são aguçados. As noções de direção, de simetria, de orientação e desorientação acionam nossos sentidos em seu dinamismo, isto é, considerando também o movimento humano. “Essas imagens que emergem do nosso cotidiano nos convidam a ver, ouvir, cheirar, provar, sentir” (ALCÂNTARA, in ALVES, 2001, p. 87).

A percepção essencial do mundo, em resumo, abrange toda maneira de olhá-lo: consciente e inconsciente, nublado e distintamente, objetivo e subjetivo, inadvertido e deliberado, literal e esquemático. A própria percepção nunca é pura: sensoriar, pensar, sentir e acreditar são processos simultâneos, interdependentes. (LOWENTHAL, 1982, p. 123)

Suas histórias fizeram daquele local um lugar de vivências partilhadas. Os diferentes modos de perceber e significar o mundo ao redor é parte desse movimento realçado pela cultura visual, que enxerga a imagem como mediadora da relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo. Talvez a questão mais contundente dentro destas novas elaborações seja o lugar da experiência na relação entre a imagem e o indivíduo que, pelo prisma da cultura visual, passa a revelar substratos mais complexos e variáveis uma vez que as imagens não vêm desprovidas de um contexto. As referências culturais trazidas pelas imagens, que por sua vez também estão associadas a outras imagens, tecem variados significados e suscitam uma multiplicidade de realidades.

Relacionar fatos antigos, acontecimentos e imagens do passado não constitui uma prática cristalizada, pois esse jogo mistura o antes e o depois, colocando tudo no presente de forma dinâmica.

Quando se ama uma imagem, ela há muito deixou de ser apenas um fato, um acontecimento passado. Antes, se apresenta como realidade viva, motivo de inspiração e nuances próprias, considerando a realidade vivida do sujeito na trama significativa de sua existência imediata e projetiva. A imagem é fruto do vivido; é possibilidade de construção, isto é, realidade móvel e polissêmica (RETONDAR, 2004, p. 114).

A imaginação, participe dessa atualização de imagens, ao recriá-la e trazê-las à luz, busca vivificá-las, com enraizamento e profundidade de sentidos. Essa dinâmica de caráter arqueológica estende uma movimentação epistemológica na medida que estes lugares vão definindo ações, emoções e reflexões num fluxo que abraça a criação de sentidos sem esgotá-los.

Experiências de convívio e procedimentos relacionais

Depois da visita com minha mãe, por mais duas vezes voltei aquele local: uma vez com outro colaborador e uma terceira vez, sozinho. Até agora, três itinerários afetivos compõem as camadas daquele lugar. Na tentativa de sobrepor esses percursos notei que cada um deles carrega convergências e dissonâncias, pois em todas as vezes foi diferente, ocorreram alterações no trajeto, corporais, comportamentais e que provocaram questionamentos: Para onde aponta cada um desses itinerários? Que atravessamentos estão contidos nas escolhas desses caminhos? Como olhar para esses percursos? De onde olhá-los? Como criar estratégias criativas para ativar o encontro entre experiências de vida aparentemente distintas?

O dispositivo relacional que acionou esta proposta foi a troca de saberes. Saberes que formam a subjetividade de diferentes sujeitos. Meu objetivo, então, não tem sido a descoberta de uma dada realidade mas, antes, destacar diferentes interpretações dessa realidade construindo uma memória experiencial e relacional que me auxilie na interpretação dos dados que tenho recolhido.

Essa dinâmica também é motivada pelo desejo de convivência. Seu caráter colaborativo é conduzido pela experiência de uma produção de conhecimento compartilhada. A convivência nos leva a relação e não há como ignorar a polifonia

que tem permeado o contexto contemporâneo por uma multiplicidade de vozes, proposições, experiências cada vez mais presentes nos processos de pesquisa. Apesar da singularidade da experiência ela também produz diferenças, heterogeneidades e pluralidades numa dimensão de incerteza, numa abertura rumo ao desconhecido. Segundo Dewey, “(...) toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (2010, p. 122).

Os procedimentos relacionais são veículos de singularidades perante relações com o entorno, através dos quais os artistas apreendem sua produção em âmbito estético, histórico e social (BOURRIAUD, 2009). Conhecimentos produzidos ao som da estética relacional funcionam como interstícios, como espaço-tempos que se configuram numa ordem que transcende a ordem vigente.

Inserir princípios da estética relacional na prática de pesquisa, tem ativado o encontro de experiências de vida aparentemente distintas ou distantes, onde o dispositivo relacional tem possibilitado efetivamente a interrelação de saberes.

Saberes que formam a subjetividade de diferentes sujeitos e que em nossa atual condição e momento correm o risco de se verem aprisionados frente a formas de representação pautadas em desestimular o tempo dedicado a construção de experiências que produzam sentido (KINCELER, 2006, p.02).

Utilizo a pesquisa de campo como dispositivo de experimentação atrelado diretamente à experiências geradoras de relações pessoais onde o intercâmbio é o elemento mais pulsante. Desse modo, passo sempre a me perguntar e testar quais podem ser as possíveis continuidades entre abordagens metodológicas e a vida cotidiana, levando em consideração os atravessamentos ocasionados pelo convívio com as pessoas, bem como os deslocamentos – no tempo e no espaço - realizados em função da busca por esse convívio. e as possibilidades de transformação que algumas ações tem proporcionado.

A arte relacional em sua forma complexa está mais preocupada em apresentar as diferenças dentro de um espaço de convívio, reconhecendo a necessidade da presença do outro em várias e múltiplas estratégias e táticas criativas que instauram uma zona temporária dialógica capaz de instalar acontecimentos onde o tempo na experiência estética seja efetivamente vivido.

Num movimento de tentar “pensar/agir de modo a transformar nossa paisagem subjetiva e objetiva” (ROLNIK, 2006, p.13) pretendo percorrer caminhos de significados construindo itinerários onde o diálogo aberto entre os sujeitos vislumbrem formas representativas capazes de produzir o encontro e vivências por meio de formas dialógicas, participativas e colaborativas. Essa postura colaborativa na construção de sentidos redimensiona os eixos norteadores dos processos de ensino e aprendizagem e pode instituir pesquisas sensíveis e reflexíveis num processo de crescimento pessoal e coletivo.

NOTAS

¹ O Distrito de Lagolândia está localizado no município de Pirenópolis, distante deste 37 km. Situado na microrregião Centro-norte ou Planalto. Pirenópolis ocupa uma área de 2.182 km². Limita-se com o municípios de Goianésia e Vila Propício ao Norte, Jaraguá, São Francisco e Petrolina à Oeste, Anápolis ao Sul e Abadiânia, Corumbá e Cocalzinho à Leste. Está distante 120 km de Goiânia, capital do Estado de Goiás. (Fonte: IBGE)

² OLIVEIRA, Wolney F. de. *Histórias com Dona Prizulina - da beira do fogão à cultura visual*. Goiânia: dissertação de mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2009.

³ Árvore que varia de 8 a 25 m de altura e possui tronco entre 20 e 70 cm de diâmetro. A casca é de cor verde-escuro a marrom e os ramos são quadrangulares. Suas folhas são simples e opostas, com até 20 cm de comprimento, possuindo duas glândulas na base. As flores são de cor branca e ficam dispostas em inflorescências com cerca de 20 cm. Os frutos são vermelhos e redondos com cerca de 1 cm de diâmetro contendo apenas uma semente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Cahapecó/SC: Argos, 2009.

ALCÂNTARA, Ângela Vieira de. *Imagens e memórias do cotidiano: o que os olhos vêem?* In: ALVES, Nilda (Org). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 8797.

BANKS, Marcus. *Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

BRETT, Guy. *Brasil experimental: arte/vida, proposições e paradoxos*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

Brites, Blanca, TESSLER, Elida (organizadoras). *O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Editora da Universidade- UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna e all (Orgs.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa - Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, pp. 15-41.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KINCELER, José Luiz. **Vinho Saber: arte relacional em sua forma complexa**. *Revista de Investigação em Artes DAPesquisa*, Santa Catarina, v. 2, n. 2, ago.2006 - jul.2007. Disponível em:
<http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/plasticas/Kinceler.pdf> (acesso em 20 abr. 2013).

LIMA, Terezinha de L. **Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem**. In MARANDOLA JR. e GRATÃO, Lúcia Helena (Orgs). *Geografia e Literatura – ensaios sobre geografia, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010, p. 7-33.

LOWENTHAL, David. **Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982 p. 103-141.

RETONDAR, Jeferson José M. **A produção imaginária de jogadores compulsivos a poética do espaço do jogo**. São Paulo, Vetor Editora, 2004.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SILVA, T. T. da. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: coleção desenredos n. 1, Faculdade de Artes visuais, 2004.

VERSIANI, D. G. C. B. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

Site:<http://nossasarvores.greennation.com.br/content/tree_especie/20>(acesso em 20 abr. 2013).

Wolney Fernandes

Aluno do Doutorado em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás (em andamento). Mestre em Cultura Visual (2009) e Graduado em Artes Visuais com habilitação em Design Gráfico pela mesma instituição (2003). Tem pesquisas relacionadas à prática de desenho, à processos de criação coletiva e à cartografias afetivas.